

NOSSAS UNIVERSIDADES: UMA REFLEXÃO CRÍTICA

OUR UNIVERSITIES: A CRITICAL ANALYSIS

Joyssi MORAES¹

RESUMO: Neste ensaio, uma espécie de sátira um pouco mordaz, o objetivo é conversar acerca do modo como a universidade se organiza, no interior do sistema de ensino superior, para a reprodução de certa ordem social. Em outros termos, discute-se, sobre o modo como a universidade, através do modelo burocrático, reproduz eternamente mais do mesmo a serviço do capital e em nome da manutenção do poder de uma minoria. Foi utilizada a fábula de Orwell (2000), *A revolução dos bichos*, para ilustrar a traição de um ideal, de uma universidade que deveria agir no interesse do povo, mas que, muitas vezes, não preocupada com as finalidades sociais do conhecimento age em detrimento desse povo. Isto, porque a universidade torna-se apenas uma estrutura de ensino em que os meios se tornam fins e os fins formativos são esquecidos; onde a criação do conhecimento e sua reprodução cedem lugar ao controle burocrático de sua produção. Uma universidade que produz pesquisas a quem pode pagar sem averiguar o fim da encomenda, isso coberto pela ideologia da neutralidade do conhecimento e seu produto.

PALAVRAS-CHAVE: universidade; burocracia; reprodução e manutenção de *status quo*.

UMA PRÉVIA

A proposta deste ensaio é conversar com o leitor, ainda que sucintamente, sobre uma universidade que, por vezes, através de um modelo burocrático, aqui entendido a partir das concepções de Tragtenberg (1980; 2004; 2005) e Motta (1981; 1986), reproduz eternamente mais do mesmo a serviço do capital e em nome da manutenção do poder para uma determinada classe social. Propiciando, assim, apenas a reprodução e manutenção de uma mentalidade submissa. Em outros termos, discutimos acerca do modo como a universidade se organiza, no interior do sistema de ensino superior, para a reprodução de certa ordem social.

Foi utilizado um dos principais textos de George Orwell (2000), *A revolução dos bichos*, para ilustrar a traição de um ideal, de uma universidade cujos delinquentes acadêmicos parecem não estar preocupados com as finalidades sociais do conhecimento e, assim, agem em detrimento do povo. Delinquência acadêmica, de acordo com Tragtenberg (2004, p. 18), é caracterizada “[...] pela existência de estruturas de ensino em que os meios (técnicas) se tornam fins, os fins formativos são esquecidos; e a criação do conhecimento e sua reprodução cedem lugar ao controle burocrático de sua produção como suprema virtude”.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Administração com ênfase em Organizações pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. e-mail: jmoraes@id.uff.br

Uma universidade que produz pesquisas ou cursos a quem é apto a pagá-los perde o senso da discriminação ética e da finalidade social de sua produção – é uma multiversidade que se vende no mercado ao primeiro comprador, sem averiguar o fim da encomenda, isso coberto pela ideologia da neutralidade do conhecimento e seu produto (TRAGTENBERG, 2004, p. 16).

Situação que enfrentou a Alemanha século XVII, quando a venalidade e o servilismo eram traços da universidade, uma vez que o país estava mergulhado no caos, os professores não recebiam seus honorários e a vida dos estudantes era miserável, sendo mantidas por príncipes que reinavam na forma de poder absoluto e, portanto, decidiam quais pesquisas eram importantes ou não, quais poderiam ser publicadas ou não (TRAGTENBERG, 1980). Resta saber se estamos hoje no Brasil, em algumas circunstâncias e em determinados contextos, vivendo a situação alemã existente por volta de 1650.

Quanto ao livro, os recortes enfatizados são as características burocráticas encontradas na construção da fábula de George Orwell. A proposta de George Orwell (2000), também, é mostrar que, apesar dos esforços de alguns, há a predominância do pensamento hegemônico, pois a sociedade/comunidade volta sempre para o mesmo lugar, embora com outros sujeitos nas posições dominantes. Fenômeno que, também, parece acontecer nas nossas universidades.

Também é destacada a participação de Bola-de-Neve (o personagem principal deste livro de Orwell), que por não aceitar o pensamento dominante, foi ao longo da estória sendo desacreditado pelos pares até sumir. As perguntas que fazemos e que queremos refletir com os leitores são: utilizamos os recursos encontrados na fábula de Orwell (2000), *A revolução dos bichos*, nos nossos cursos, nas nossas universidades? Fazemos sumir os Bolas-de-Neve para que nossa posição não seja ameaçada? São atitudes alienadas ou, simplesmente, atos justificados em prol de certa legitimidade acadêmica, *status* e prestígio perante os pares?

Antes, porém, fazendo nossas as palavras de Althusser (1985, p. 80-81), começamos por pedir “[...] desculpas aos professores que, em condições assustadoras, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas que os aprisionam, as poucas armas que podem encontrar na história e no saber que ‘ensinam’”. Mas eles são raros. Grande parte está tão imbuída da marca ideológica que se torna propriedade do capital e coloca todo seu empenho e engenhosidade em favor deste e, com o passar do tempo, pouco questionam para o que de fato estão contribuindo.

A FÁBULA² E A REALIDADE

O senhor Jones, dono da Granja do Solar, fechou o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para lembrar-se de fechar também as vigias. Com o facho de luz da sua lanterna balançando de um lado para o outro, atravessou cambaleante o pátio, tirou as botas na porta dos fundos, tomou um último gole de cerveja do barril da copa e foi para cama, onde sua mulher já ressonava.

Tão logo apagou-se a luz do quarto, houve um silencioso movimento em todos os galpões da granja. Correria, durante o dia, o boato de que o velho Major, um porco que já fora premiado em uma exposição, tivera um sonho muito estranho na noite anterior e desejava contá-lo aos outros animais. Haviam combinado encontrar-se no celeiro assim que Jones se deitasse. Começou o Major: então, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo alimento necessário para continuar respirando, e os que podem trabalhar são exigidos até a última parcela de suas forças. [...] Será isso apenas a ordem natural das coisas? [...] Não, camaradas, mil vezes não! [...] Por que, então, permanecemos nessa miséria? Porque quase todo produto do nosso esforço nos é roubado. [...] Não está, pois, claro como a água, camaradas, que todos os males da nossa existência tem origem na tirania dos homens? [...] Esta é a mensagem que eu vos trago, camaradas: Rebelião! [...] Transmitam esta mensagem aos que virão depois de vós, para que as futuras gerações continuem na luta, até a vitória. (ORWELL, 2000, p. 5-10)

Assim também poderia começar a nossa estória.

Qual é, pois, a natureza desta nossa vida acadêmica, se é que se pode distanciar-la da vida como um todo? Será que estar a serviço de uma minoria é a ordem natural das coisas? Provavelmente, não! Embora alguns acreditem que sim e, outros, em nome dos benefícios que possam ser gerados para a comunidade, para o coletivo, mas que nunca de fato se concretizam, também reproduzam pesquisas que pouco contribuem para o coletivo. É também em nome desses benefícios que mantem certas relações de poder que

[...] nas universidades o saber é burocratizado. De forma muito semelhante ao que ocorre na empresa, procura-se definir com precisão as esferas de competência dos engenheiros, dos sociólogos, dos cientistas políticos, dos filósofos, dos administradores, dos economistas, dos psicólogos, e assim por diante. Uma departamentalização, frequentemente artificial, e que se dá em prejuízo dos estudantes e dos próprios especialistas, que ficam limitados a uma visão parcial de seus objetos de pesquisa. (MOTTA, 1986, p. 67)

Não deveríamos, pois, começar a nos rebelarmos contra aqueles que mais do que orientandos, querem herdeiros, reprodutores de suas ideologias e pesquisas que nada têm de neutras? Contra aqueles que, também, insistem em ser herdeiros?

Aliás, confirmando a previsão de Weber (1999), parece que são os estudantes as principais vítimas do processo de burocratização, uma vez que a educação moderna convencional enfatiza o desenvolvimento funcional em detrimento do desenvolvimento

² As citações foram retiradas do livro *A revolução dos bichos* (ORWELL, 2000) sem qualquer modificação. No restante a fábula é contada sucintamente.

da pessoa. Como afirma Motta (1986, p. 47-8), “[...] de fato, a vida escolar apresenta os mesmos grandes traços das carreiras nas grandes burocracias públicas e privadas para onde se destinam os frutos da escola”.

Mas, um momento! Seguem os professores alguma diretriz? São, de algum modo, escravos de outrem? São também suas vidas reguladas por alguma espécie de entidade (sobre)natural? Mais concretamente: existe um mercado dissimulado no qual a moeda de troca pode ser denominada de artigo ou dissimulados somos nós que fazemos o mercado, realizamos todo tipo de trocas e nos sabemos regulados pela mão (in)visível, ou seja, pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)?

Ao que parece, temos um sim para todas as perguntas. Afinal, são nossos discursos permeados por duas palavras mágicas que invocam nosso melhor desempenho: produção e Capes. Quanto mais produzimos, mais somos protegidos pela Capes, afinal somos melhor avaliados. Recebemos financiamentos para as pesquisas, produzimos mais e temos mais financiamentos, mais orientandos, mais teses e dissertações, mais artigos e assim por diante.

Mas o que significa tudo isso? Que seguimos Taylor à risca e aproveitamos todos os tempos e movimentos. Os primeiros conselhos e orientações que recebemos e damos são acerca de como aumentar nossa produção acadêmica, escolher somente os periódicos que pontuam (a Capes nos informa sobre as pontuações e sobre os periódicos que ainda não merecem nossa atenção) etc.. Não se pode perder nada! Cada disciplina, um artigo, e pouco se fala sobre a qualidade e o conteúdo destes, pois o que importa é a quantidade de publicações a cada triênio. Se atingirmos o perfil proposto, informamos aos outros; se o ultrapassamos, fazemos certa ostentação disso. É nossa moeda, não é obra do acaso, reflete nossa história e interesses e, se tudo der certo, ensinamos o caminho aos nossos alunos, nossos herdeiros.

Mas nem todos pensam assim. Portanto, para estes, resta a rebelião. Porém, uma rebelião lúcida, pois também é do interesse do rebelado permanecer com o apoio das instituições que fomentam a pesquisa.

Afinal, a Rebelião ocorreu muito mais cedo e bem mais facilmente do que se esperava. Jones fora, no passado, um patrão duro, mas competente. Agora estava em decadência. [...] Certo dia, ao cair da tarde, os animais ainda não haviam comido. Afinal, aquilo já era demais. Uma das vacas rebentou a chifradas a porta do celeiro e os bichos avançaram sobre as tulhas. Nesse momento, Jones acordou. Num átimo, ele e seus quatro peões estavam no celeiro com os chicotes na mão, batendo a torto e a direito. Isso ultrapassou tudo quanto os animais famintos podiam suportar. De comum acordo, muito embora nada fosse planejado, lançaram-se sobre seus verdugos. Jones e os homens viram-se de repente marrados e escoiceados de todo lado. A situação lhes fugira ao controle. Nunca tinham visto os animais daquele jeito, e a súbita revolta de criaturas que eles estavam acostumados a surrar e a maltratar à vontade os encheu de pavor. (ORWELL, 2000, p. 18-19).

Como no caso dos bichos, a que situação extremada se necessitará chegar para que, no nosso caso, estudantes e professores também se rebelem? Mas há outra pergunta: os sujeitos que aceitam o sistema de regulação acadêmico imposto às universidades o recebem de bom grado porque concordam com seus ditames, de forma alienada, ou porque, simplesmente, embora sabedores de suas restrições e de sua utilização como instrumento a serviço do capital, conscientemente, o consideram conveniente ou justo?

Guerreiro Ramos (1983, p. 59) afirma que “[...] a mais grave alienação consiste em não ter consciência da alienação” e, talvez, por isso mesmo, continuemos a ter uma universidade cuja medida de eficiência poderia ser a medida da introjeção e incorporação da ideologia dominante. Isto porque, sua eficiência é mensurada pela quantidade de atores sociais, docentes e discentes, neste caso, que atingem o sucesso, o que significa dizer que se encaixaram, se adaptaram e aceitaram como natural um sistema acadêmico, muitas vezes, excludente.

Todavia, a universidade pode ser mais do que isso e esta crença não é apenas um sonho ou utopia. Para que isso aconteça, parafraseando Mészáros (2005, p. 76-7),

[...] a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis. A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo. E vice-versa: a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente no seu interrelacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso. Ou ambas têm êxito e se sustentam, ou fracassam juntas. Cabe a nós *todos* – todos, porque sabemos muito bem que ‘os educadores também têm de ser educados’ – mantê-las de pé, e não deixá-las cair. As apostas são elevadas demais pra que se admita a hipótese de fracasso.

Em pouco tempo, os bichos destruíram tudo o que lhes recordava Jones. [...] Voltaram, então, para a casa da granja e pararam silenciosos em frente à porta da casa grande. Era deles também, mas sentiram medo de entrar. [...] Concordaram em que nenhum animal jamais deveria morar lá [...] Por sua vez, os porcos revelaram que, nos últimos três meses, haviam aprendido a ler e a escrever, num velho livro de ortografia que pertencera aos filhos de Jones e fora jogado no lixo. [...] Explicaram que, segundo os estudos que haviam feito nos últimos três meses, era possível resumir os princípios que regulariam a vida dos animais em sete mandamentos:

Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.

O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.

Nenhum animal usará roupa.

Nenhum animal dormirá em cama.

Nenhum animal beberá álcool.

Nenhum animal matará outro animal.

Todos os animais são iguais. (ORWELL, 2000, p. 20-23)

Não temos também na universidade alguns princípios que regulam ou indicam os caminhos politicamente corretos a serem seguidos para que a convivência acadêmica

seja pacífica? Questões tais como a de nos ater aos nossos autores, objetos ou sujeitos de pesquisas de modo a não ‘invadir’ o espaço já demarcado por outro acadêmico, proprietário de determinado autor ou assunto. Não devemos pesquisar ou tratar de temas reconhecidos como importantes e relevantes pelos pares? Como já observaram Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004, p. 41), existem problemas que deixam de ser apresentados

[...] porque a tradição profissional não os reconhece como dignos de serem levados em consideração, ou não propõe as ferramentas conceituais ou as técnicas que permitiriam tratá-los de forma canônica; e, inversamente, existem questões que eles se obrigam a formular porque as mesmas ocupam uma posição elevada na hierarquia consagrada dos temas de pesquisa.

Todavia, esse marasmo acadêmico, o respeito aos espaços, objetos e sujeitos de outros não poderiam também significar a construção de herdeiros, a criação de discípulos que apenas passariam incólumes por um processo (mestrado ou doutorado) que, teoricamente, deveria ser de crescimento ou aprofundamento intelectual? Não deveria ser a universidade, o lugar onde errar é permitido, aquele espaço que oferece a proteção necessária aos que, na tentativa de assenhorear-se da própria realidade, ‘erram’ e ousam contra a ordem estabelecida, contra as pesquisas pretensamente neutras?

Talvez sim, mas como assinala Tragtenberg (2004, p. 12), parece tratar-se apenas de “[...] um complô de belas almas recheadas de títulos acadêmicos, de doutorismo substituindo o bacharelismo, de uma nova pedantocracia, da produção de um saber a serviço do poder, seja ele de que espécie for”. Mais do que isso, segundo o autor.

O aparelho burocrático estende sua racionalização a todas as áreas da vida social. Assim, a dominação burocrática, associada ao capitalismo, realiza-se através de normas jurídicas racionais, impessoais, produzidas pelo sistema universitário [...] Na realidade, tanto a pesquisa científica, quanto à produção da cultura, em geral, estão amplamente burocratizadas. Trata-se de uma produção em massa, semelhante à produção de bens, que passa por ritos de passagem, obedece a normas rígidas e serve a objetivos que escapam ao universo do pesquisador, mas que dizem respeito ao Estado, à Empresa, à Universidade, à rede de televisão, ou ao seu conjunto (TRAGTENBERG, 1980, p. 16-17).

Mas parece que cabe a nós, pesquisadores, professores e alunos, a função de legitimar e burocratizar, cada vez mais, a universidade e o meio acadêmico. Podemos culpar uma instituição reguladora ou fazermos, responsabilmente, também, a nossa *mea culpa*, afinal, somos nós que fazemos a instituição (Capes) e depois agimos como se fosse esta uma entidade sobrenatural que não pode ser questionada e, simplesmente, concordamos que nenhum animal jamais deveria morar lá. Quem teria o direito, então? Foi assim que se instaurou a heterogestão nos assuntos acadêmicos?

Quanto a esta última, o que se pode dizer é que sob o discurso da necessidade de agir em nome dos interesses coletivos, de forma ágil e objetiva, é que se estabelece uma estrutura piramidal de heteronomias. Isto é, um sistema que dispõe de cima para baixo, onde, eventualmente, alguns são chamados a participar de algumas decisões, o que não passa de subterfúgios que reforçam a heterogestão. Na realidade, sofisticada a heteronomia, pois esta é a Administração por Objetivos que mal consegue disfarçar seu conteúdo; é o tipo de Gestão Participativa que convoca os indivíduos a escolher o que já está escolhido (FARIA, 1985). Esta não seria uma contradição, considerando-se a ideia de uma universidade autônoma?

Por vezes a tarefa foi dura. Mas os porcos eram tão imaginosos que conseguiam contornar todas as dificuldades. Os porcos não trabalhavam, propriamente, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros. Donos de conhecimentos maiores, era natural que assumissem a liderança. Assim, [...] logo mais, os porcos reservaram o depósito de ferramentas para sede da direção. Ali, à noite, estudavam. Se diferenciavam dos demais. (ORWELL, 2000, p. 25)

Nesse momento, começa, de fato, a usurpação do poder da coletividade, a criação de uma hierarquia, o princípio da heterogestão, traço fundamental da burocracia. Este que “[...] é um aspecto da heteronomia capital-trabalho, da mesma forma que a organização burocrática, enquanto estrutura de poder, é um aspecto de todo um ordenamento social mais amplo, igualmente hierárquico” (MOTTA, 1981, p. 23). Um tipo de organização que busca naturalizar as relações de dominação na medida em que a relação dominante-dominado é fundamental para a existência de um ordenamento desejado.

Dominação é uma situação de fato, em que uma vontade manifesta (mandado) do dominador ou dos dominadores quer influenciar as ações de outras pessoas (do dominado ou dos dominados), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (obediência). (WEBER, 1999, p. 191)

Melhor é quando essa dominação é naturalizada. Para ilustrar, voltemos a Orwell (2000, p. 31): com o tempo, “[...] aconteceu que Lulu e Branca (os cachorros) deram cria a nove robustos cachorrinhos. Tão logo foram desmamados, Napoleão (um porco) tirou-os de sua mãe afirmando que ele próprio se responsabilizaria por sua educação”. Isto posto que, como assinala Durkheim (2002), salta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor maneiras de ver, de sentir e de agir às quais a pessoa não chegaria espontaneamente. “Mas, se com o tempo essa coerção deixa de ser sentida, é porque engendrou hábitos e tendências internas que a tornam inútil, mas que só a substituem porque derivam dela” (DURKHEIM, 2002, p. 35).

Na mesma época, um mistério que há muito vinha inquietando os animais da granja foi esclarecido, o

[...] do leite que vinha desaparecendo. O leite era misturado à comida dos porcos, assim como todas as frutas que antes eram divididas equitativamente. [...] Garganta (outro porco) foi enviado para dar explicações: ‘nosso único objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. [...] Nós, porcos, somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direção dessa granja repousam sobre nós. Dia e noite velamos pelo vosso bem-estar. (ORWELL, 2000, p. 31-32)

Motta (1981, p. 33) lembra que uma das principais características da burocracia é o fato desta “[...] administrar uma ou várias coletividades, o que quer dizer que toma as decisões em seu lugar, em princípio, para o seu bem”. Os administrados são transformados em coisas, despojados de seu poder essencial de decidir, escolher, comunicar e se auto-organizar. Ademais, a burocracia, ainda, explora a comunidade que paga o salário dos burocratas, dos porcos, nesse caso.

Enfim, na universidade, parece que vivemos sob o regime da “[...] pedagogia burocrática, onde os meios de controle se tornam fins e os fins são esquecidos” (TRAGTENBERG, 2004, p. 203), caracterizando-se esta por procurar naturalizar o conformismo, além de tentar instaurar um controle totalitário de todos sobre todos. Ao mesmo tempo, através do chamamento de docentes e discentes a participar do desenvolvimento das universidades, “[...] intensifica-se a pressão ideológica mediante panacéias administrativas que se constituem em pseudoparticipação” (TRAGTENBERG, 2005, p. 111).

BOLA-DE-NEVE

A primeira vez que Bola-de-Neve (um dos porcos) aparece, no texto de Orwell, é respondendo a uma pergunta de Mimosa, uma égua branca, que só pensa no que pode acontecer sem a presença de Jones, o dono da Granja, ou seja, ficar sem os torrões de açúcar, sem os laços de fita. “Ainda vou poder usar laço de fita? – Mimosa. Camarada, essas fitas que você tanto estima são o distintivo da servidão. Será que você não vê que a liberdade vale mais do que laços de fita? – Bola-de-Neve”. (ORWELL, 2000, p. 17)

Durante a Rebelião, Bola-de-Neve ajudou a jogar fora objetos que simbolizavam a dominação dos homens, como as rédeas e as fitas que enfeitavam as crinas dos cavalos em dias de feira. Foi Bola-de-Neve que cobriu de tinta o nome Granja do Solar e em seu lugar escreveu Granja dos Bichos. Foi ele que escreveu na parede os sete mandamentos que norteariam a convivência na fazenda.

Bola-de-Neve e Napoleão eram os porcos mais ativos, mas nunca estavam de acordo. Enquanto Bola-de-Neve ocupava-se da organização dos bichos através dos Comitês de Animais e das aulas para ensinar a ler e a escrever, Napoleão não mostrava interesse pelos comitês e dizia que “[...] a educação dos jovens era mais importante que qualquer coisa em favor dos adultos”. (ORWELL, 2000, p. 31)

Provavelmente, porque, seguindo a lógica durkheimiana, é mais fácil inculcar ideologias nos jovens, nas crianças, enquanto nos adultos, ainda que minimamente, se

pressupõe um enfrentamento, um prévio conhecimento da realidade por parte destes, o que exigiria mais do que somente palavreados recorrentes. Napoleão tinha certo receio do conhecimento que poderia levar à ação transformadora da realidade, que apresenta cada um como um ser da *práxis*, da ação e da reflexão, criaturas que, atuando, transformam e, transformando, criam uma realidade que, por sua vez, mostra novas formas de atuar (FREIRE, 2005).

Bola-de-Neve também liderou a luta que houve quando a Granja foi invadida por homens. “Os projéteis abriram riscos sangrentos no dorso de Bola-de-Neve que ainda assim continuou a lutar e, após a batalha, fez um pequeno discurso pondo em relevo a necessidade de todos os animais estarem prontos a morrer pela Granja dos Bichos, se necessário” (ORWELL, 2000, p. 37-38) . Foi condecorado com uma medalha de Herói Animal, Primeira Classe.

Mais tarde, quando o inverno chegou, o ritmo do trabalho diminuiu e os animais perceberam que não tinham alimento suficiente para a estação inteira e, por isso, tiveram que trabalhar no frio rigoroso. Bola-de-Neve teve a ideia de construírem um moinho de vento que diminuiria o trabalho pesado dos bichos e aumentaria a produção. Napoleão foi contra. “Ele não apresentava projetos próprios, apenas dizia, com toda a calma, que os projetos de Bola-de-Neve não dariam em nada. De todas as divergências, porém, nenhuma foi tão séria quanto a do moinho de vento”. (ORWELL, 2000, p. 42)

Os bichos votaram sobre se construiriam um moinho de vento ou não e, quando não havia mais dúvida sobre o resultado da votação, a favor de Bola-de-Neve,

Napoleão levantou-se e, dando uma estranha olhadela de viés para Bola-de-Neve, soltou um guincho estridente que ninguém ouvira antes. Nove cães enormes, usando coleiras tachonadas de bronze, entraram aos saltos no celeiro. Eram os cachorrinhos que Napoleão havia tomado e criado, secretamente. Jogaram-se sobre Bola-de-Neve, que saltou do lugar onde estava, mal a tempo de escapar daquelas presas. Num instante, zuniu porta fora com os cães em seu encaço. Espantados e aterrorizados demais para falar, os bichos amontoaram-se na porta para observar a caçada. Depois disso, Bola-de-Neve não foi mais visto. Calados e aterrorizados, os animais voltaram furtivamente para dentro do celeiro. A partir daí, sobre Bola-de-Neve, que saltou do lugar onde estava, mal a tempo de escapar s.paa produetarem prontos a morrer pela Granja dNapoleão só andava acompanhado dos cães. (ORWELL, 2000, p. 46-47)

Como se percebe, “[...] a burocracia protege uma generalidade imaginária de interesses particulares. A autoridade é sua ciência e a idolatria da autoridade, seu sentimento mais profundo” (TRAGTENBERG, 1980, p. 24). Quando essa autoridade é questionada, ainda que o questionamento tenha como objetivo o conhecimento da realidade, a retaliação, através do abuso de poder e dos meios dos quais dispõe o burocrata, é imediata. A hierarquia não pode ser questionada, tampouco a posição do burocrata no papel de tomador de decisões ou os objetivos propostos por ele como prioritários.

Assim como na granja, na universidade, a insubordinação não é tolerada. Tratamos, especificamente, de alguns que, em um determinado momento, percebem-se parte de um carrossel que nunca sai do lugar, que está eternamente a produzir mais do mesmo, apenas com roupagens diferentes. Estas poucas criaturas, como Bola-de-Neve, estão dispostas a investir em outro projeto, em outra vida. No entanto, para tais sujeitos é destinada, muitas vezes, a punição, que, também, deve servir de exemplo para os demais, de modo que estes se atenham às suas pesquisas neutras que nada revelam além da mesmice. Caso contrário, é iniciado um processo que busca tornar desacreditado o discurso do rebelado até, por fim, eliminá-lo.

Como ressalta Motta (1986, p. 44), a burocracia é essencialmente competitiva. Como um sistema de poder, não significa o mesmo poder para todos. “É preciso conformar-se aos seus símbolos e rituais para galgar os seus degraus”. Todos devem obedecer estes princípios ou perderão a proteção da organização. Todos devem buscar a segurança na conformidade e na rigidez. “Pode-se falar, assim, de um modo educacional de reprodução, que implica uma transmissão de poder que tem a mediação da escola e obedece a determinadas leis” (MOTTA, 1986, p. 139).

É claro que uma universidade burocratizada, onde a função mais importante não é a produção de conhecimento, mas o controle sobre eles e as pessoas, tende, no plano interno, servir à multiplicação das “painéis burocráticas”. Nessas painéis, professores investidos do poder [...] colocam seus colegas sob ‘estado de sítio’. Estabelece-se na instituição universitária certa ‘ditadura acadêmica’ em que a dissensão é punida com o ostracismo, onde a fofoca de corredor age como retaliação do excluído. (MOTTA, 1986, p. 139)

Mais tarde, Garganta, outro porco, foi enviado para explicar a situação e a atitude de Napoleão para os bichos: “[...] não pensem, camaradas, que a liderança seja um prazer. Pelo contrário, é uma enorme e pesada responsabilidade. Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade; mas, às vezes, poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; então, onde iríamos parar?” (ORWELL, 2000, p. 48-49)

A burocracia se manifesta como poder institucionalizado e, como tal, reflete todas as características do poder: é conservadora, apropriadora e alienante. [...] Ao nível da palavra, observa-se que na organização ela se apresenta enquanto palavra fragmentária. Só temos o direito de nos pronunciar sobre os problemas de nossa esfera de competência. (MOTTA, 1981, p. 37)

Apesar de tudo, o moinho de vento foi construído com a participação de todos os bichos da Granja. Napoleão explicou que quando foi contra o moinho de vento, estava fingindo. Era “[...] apenas uma manobra para livrar-se de Bola-de-Neve, que tinha um péssimo caráter e era uma influência perniciosa. (ORWELL, 2000, p. 51) As obras no moinho iam muito bem até que, em um dia de forte ventania, amanheceu tudo no chão. Napoleão acusou Bola-de-Neve e, embora os bichos tenham ficado chocados, ninguém

o contrariou. No dia seguinte, começaram a construção do moinho com paredes mais fortes, que depois foi nomeado Moinho Napoleão.

Daí em diante, surgiu o boato que Bola-de-Neve se esgueirava pela granja e, quando algo ruim acontecia, a culpa era jogada sobre ele e quem contrariasse Napoleão era considerado aliado de Bola-de-Neve e morto diante de todos pelos cachorros.

As lutas das quais Bola-de-Neve participou foram recontadas e, de herói, passou a traidor. Ninguém mais ousava dizer o que pensava. Embora, mais tarde, tenham descoberto que eram os homens das granjas vizinhas que destruíam o moinho com explosivos, cada vez que esse era levantado. Foi a “[...] naturalização da dominação, através do não questionamento ou até da sacralização do ordenamento social vigente, da atribuição a este, de um sentido ou, ainda, de sua contestação” (TRAGTENBERG, 1980, p. 24).

Outras decisões que contrariavam o desejo da maioria também foram tomadas por Napoleão. As regras do estatuto, criado por todos, quando da insurreição, foram violadas, tais como: comerciar com as granjas vizinhas, com humanos, embora Napoleão tenha deixado claro que *pretendia tomar sobre seus ombros toda essa carga*; os porcos mudaram-se para a casa grande, o que era proibido, mas explicaram que *precisavam de um lugar mais calmo onde trabalhar e descansar*, pois todo o trabalho intelectual recaía sobre suas cabeças. Durante o inverno, a distribuição de ração também foi reajustada, como dizia Garganta, *reajustamentos, nunca reduções*, embora a ração não tenha sido reduzida para os cachorros e os porcos. Os porcos organizavam tudo.

Um dos elementos em que a burocracia fundamenta sua legitimação consiste em se atribuir a tarefa de “organizar”. Sob o nazismo, a palavra de ordem do regime era: organização. Existe aí uma confusão interessante. Qualquer grupo humano, tendo em vista as finalidades que persegue, organiza-se para tanto. Mas a burocracia é outra coisa: ela está montada como estrutura de controle, dispondo de imunidades e privilégios. As formas de organização da coletividade visando aos seus próprios fins ocorrem através de uma igualdade básica entre seus membros; a burocracia, ‘em nome da organização’, usa e abusa das imunidades e privilégios inerentes a ela enquanto poder acima dos organizados. (TRAGTENBERG, 2004, p. 210)

Passaram-se anos. As estações vinham, passavam, e a curta vida dos bichos se consumia. Chegou um tempo em que ninguém mais se lembrava de antes da Rebelião. Bola-de-Neve fora esquecido e, o moinho de vento, ao invés de proporcionar descanso aos animais, só era usado para moer coisa que dava bom dinheiro. De certa maneira, era como se a granja tivesse se tornado rica sem que nenhum animal tivesse enriquecido. Exceto, é claro, os porcos e os cachorros. Os porcos nunca se cansavam de explicar que havia um trabalho insano na ação de supervisionar e organizar a granja. (ORWELL, 2000, p. 106-108)

Os mandamentos, também, foram sendo, pouco a pouco, alterados para beneficiar os porcos.

O ascetismo se encarregou de remodelar o mundo e nele desenvolver seus ideais, os bens materiais adquiriram um poder crescente e, por fim, inexorável sobre a vida do homem, como em nenhum outro período histórico. [...] Ninguém sabe a quem caberá no futuro viver nessa prisão ou se, no final desse tremendo desenvolvimento surgirão profetas inteiramente novos, ou se haverá um grande ressurgimento de velhas ideias e ideais ou, então, no lugar disso tudo, uma petrificação mecanizada ornamentada com um tipo de convulsiva auto-significância. Neste último estágio de desenvolvimento cultural, seus integrantes poderão de fato, ser chamados de “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização antes nunca alcançado”. (WEBER, 2004, p. 135)

“Quanto aos outros, sua vida, ao que sabiam, continuava a mesma. Geralmente andavam com fome, dormiam em camas de palha, bebiam água no açude e trabalhavam no campo; no inverno, sofriam com o frio; no verão, com as moscas”. (ORWELL, 2000, p. 108). Até que um dia, arrepiados, os animais perceberam que os porcos passaram a caminhar somente sobre as patas traseiras e Napoleão, ainda, *trazia um chicote nas mãos*. Na parede onde antes estavam escritos os sete mandamentos, agora só existia um: todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais que os outros.

“Depois disso, não foi de estranhar que os porcos que supervisionavam o trabalho na granja andassem com chicote nas patas” (ORWELL, 2000, p. 112). Tudo ficou ainda mais claro quando, um dia, ao observar pela janela, homens e porcos comemorando, os bichos chegaram à conclusão que não havia dúvida quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.

Assim parece acontecer também no meio acadêmico: a transformação se dá em tal magnitude que já não se sabe mais quem é o mestre ou quem é o discípulo. O herdeiro transforma-se no mestre. Estes se confundem e perpetuam a delinquência acadêmica que não permite ao país “[...] superar sua mentalidade colonial em prol da mentalidade autenticamente nacional” (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 68) contribuindo para a formação de uma universidade que deforma os sujeitos, alienando-os de sua realidade, tornando árduo o trabalho de quem busca desconstruir tal estrutura.

Como destaca Weber (1999, p. 222), “[...] uma burocracia, uma vez plenamente realizada, pertence aos complexos sociais mais dificilmente destrutíveis. [...] Onde quer que a burocratização da administração tenha sido levada a cabo, cria-se uma forma praticamente inquebrantável das relações de dominação”. Para destruí-la, só destruindo a estrutura de poder.

Nesse sentido, “[...] a reformulação da universidade deve estar acompanhada de uma reformulação social”. Mas é um processo longo que exige uma grande paciência histórica e “[...] quem tem medo de perder cargos não pode contribuir para uma educação libertadora. Capachos do poder só podem contribuir para uma educação passiva” (TRAGTENBERG, 2004, p. 204-5).

Por fim, Guerreiro Ramos (1983, p. 187), ainda assinala que a burocracia não pode “[...] assumir papel de agente ativo de mudanças sociais, notadamente orientadas para a superação do *status quo*”. Isto porque, “[...] a característica fundamental da administração burocrática é a heterogestão e sua única alternativa radical é a autogestão” (MOTTA, 1981, p. 10). O que não aconteceu na Granja dos Bichos, nem na universidade, pelo menos, ainda. A “[...] heterogestão permite a institucionalização da submissão, sob a máscara da autoridade necessária” (MOTTA, 1981, p. 38). Isto é, enquanto a burocracia mantém-se devido ao seu caráter alienante, a autogestão, para se viabilizar, necessita do seu contrário, da conscientização de todos os sujeitos.

Enquanto isso, o que se percebe é, cada vez mais, o papel da universidade enquanto instituição vinculada à dominação, ou seja, a universidade, de fato, não é uma instituição neutra. “É uma instituição de classe, na qual as contradições de classe aparecem. Para obscurecer esses fatores, ela desenvolve uma ideologia do saber neutro, científico, a neutralidade e o mito de um saber ‘objetivo’, acima das contradições sociais” (TRAGTENBERG, 2004, p. 12). Todavia, assim como na Granja dos Bichos, há aqueles que justificam qualquer ato dessa Instituição como uma necessidade imperativa à existência da comunidade, da sociedade em geral.

UMA IDEIA À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observa nas nossas universidades, muitas vezes, é a tentativa de inculcar normas de passividade, subserviência e docilidade, inclusive, através da repressão pedagógica, formando uma mão-de-obra para um sistema fundado na desigualdade social (TRAGTENBERG, 2004). Mas quem disse que não podemos encontrar estratégias para consecução de objetivos que transcendem a lógica de dominação burocrática? Como assinala Freire (2001, p. 10), “[...] não sou esperançoso por pura teimosia, mas por um imperativo existencial e histórico”. Para renovar a nossa universidade “[...] precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída” (FREIRE, 2001, p.10) e esta esperança crítica deve começar dentro da própria universidade.

Isto é, *a priori*, faz-se necessário não produzir ou reproduzir pesquisas de forma alienada e alienante, ou seja, academicamente delinquentes. O que significa assumir que, algumas vezes, a despeito das consequências, faz-se necessário buscar deter as incorrigíveis determinações destrutivas da ordem existente. Como assinala Mészáros (2005, p.

71), faz-se necessário “[...] contrapor aos irreconciliáveis antagonismos estruturais do sistema do capital uma alternativa concreta e sustentável para a regulação da produção metabólica”. Isto, se quisermos garantir as condições elementares da produção crítica e, de fato, a produção de um conhecimento para a maioria dos sujeitos que compõem a sociedade e não para uma pequena parte.

Nesse sentido, “[...] o papel da educação, orientado pela única perspectiva efetivamente viável de ir para além do capital, é absolutamente crucial para esse propósito” (MÉSZÁROS, 2005, p. 71-2), ou seja, fomentar o exercício da crítica, especialmente da autocrítica, no lugar mesmo em que se faz a educação formal.

Por fim, mais do que uma universidade reprodutora de herdeiros, abarrotada de Napoleões e com poucos dispostos a se assumirem como Bolas-de-Neve, é urgente que entendamos que o ser humano não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo. Portanto, pesquisas que tornam o ser humano objeto e não sujeito de sua realidade para nada servem, além de atender, mais uma vez, aos desígnios do capital e à manutenção de privilégios de uma pequena elite que em nada contribui para a libertação humana, nas palavras de Paulo Freire (2001; 2005).

Se há interesse em saber o que se passa hoje conosco, se, de fato, quisermos a resposta para além do que está posto, temos que considerar que essa universidade burocrática, que ora se apresenta, não tem condições de oferecer tais respostas. É preciso outra universidade e, esta tem que ser construída por homens e mulheres que não são apenas objetos da História, mas seus sujeitos, igualmente, que constatarem para mudar, que não aceitam a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda (FREIRE, 2005).

MORAES, Joysi. Our universities: a critical analysis. *ORG & DEMO* (Marília), v. 15, n.1, p. 101-116, Jan./Jun., 2014.

ABSTRACT: The aim of this essay, a kind of bitter irony, is to talk about how the university is organized, within the higher education system, in order to reproduce a certain social order. In other words, it is discussed, through the bureaucratic model, the way the university reproduces endlessly more of the same in the name of maintaining the power of a minority and serving the capital. *The book Animal Farm* (ORWELL, 2000) was used in order to illustrate the betrayal of a model, of a university that should act in the interests of people. But often is not concerned with the social purposes of the knowledge and acts to the detriment of the people. This is because the university becomes just a teaching structure in which the means become goals and training purposes are forgotten; where the creation and the reproduction of knowledge give way to the bureaucratic control of its production. A university that do researches to whom can pay for it, covered by the ideology of “neutrality of knowledge and product”. And that, without checking the purpose of the research.

KEYWORDS: university; bureaucracy; reproduction and maintenance of status quo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Nacional, 2002.
- FARIA, J. H. **Relações de poder e formas de gestão**. Curitiba: Criar Edições, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Administração e contexto brasileiro**: esboço de uma teoria geral da administração. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983.
- _____. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MOTTA, F. C. Prestes. **Burocracia e autogestão**: a proposta de Proudhon. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. **Organização e poder**: empresa, Estado e escola. São Paulo: Atlas, 1986.
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Globo, 2000.
- TRAGTENBERG, M.. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ática, 1980.
- _____. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. **Administração, poder e ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- _____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Submetido em: 27-03-2014

Aprovado em: 30-05-2014

